



**OS COMUNISTAS INDIANOS
E AS ELEIÇÕES DE 2019:
SOMENTE UMA AGENDA
ALTERNATIVA PODE
DERROTAR A DIREITA.**



Dossiê Nº 12
Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
Janeiro de 2019

Em 2019, a Índia irá às urnas. Será o maior exercício de democracia eleitoral no mundo. Aproximadamente 850 milhões de pessoas votarão ao longo dos 3,2 milhões km² do território do país. Nas últimas eleições gerais, em 2014, o partido da extrema-direita, o Bharatiya Janata (BJ) – em português, Partido do Povo Indiano – conquistou a maioria no Lok Sabha, o parlamento nacional. Logo depois, as políticas do BJ começaram a gerar inquietações. Uma força social descontrolada e tóxica começou abertamente a mirar nas minorias vulneráveis, enquanto o governo começou a conceder a riqueza social a seus compadres capitalistas. Destemido, o BJ avançou. Então, duas decisões importantes vieram, uma seguida da outra: a desvalorização de notas de alto valor (novembro de 2016) e a criação de um Imposto sobre Bens e Serviços (julho de 2017). Ambas medidas geraram desaprovação em todo o país, pois impactaram não apenas os muito pobres, mas também os pequenos empresários. Mal conseguindo a reeleição no estado natal do primeiro-ministro Narendra Modi, Gujarat, em dezembro de 2017, o BJ perdeu uma série de eleições parlamentares e legislativas estaduais. Conforme se aproxima a eleição geral, o partido parece ferido.

No final de 2018, o BJ perdeu três casas estatais cruciais no norte da Índia – em Chhattisgarh, Mídia Pradexe e Rajastão. Estes eram redutos do BJ. A razão pela qual o partido perdeu nesses estados é que as políticas neoliberais criaram uma crise agrária que não foi enfrentada pelo governo estadual liderado pelo BJ, tampouco pelo gabinete de Modi. Os protestos dos agricultores, liderados pela esquerda, galvanizaram a oposição

ao BJ. Um dos integrantes da esquerda indiana é o Partido Comunista da Índia (Marxista) ou PCI (M). Os pesquisadores do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** Jipson John e Jitheesh PM, conversaram com Brinda Karat, integrante do Politburo (o órgão executivo do Comitê Central) da PCI (M), sobre a atual situação política. Brinda Karat está no partido há quase cinco décadas. Ela começou seu trabalho partidário no movimento sindical e depois liderou a Associação das Mulheres Democráticas de Toda Índia, de 1993 a 2004. Desde 2006, Karat trabalha com o Adivasi Adhikar Rashtriya Manch, uma plataforma de comunidades indígenas. Ela foi membro do Parlamento da Índia de 2005 a 2011. Karat foi eleita para o Politburo do PCI (M) em 2005. Este dossiê traz um trecho editado da entrevista.



Foto de portada : Rahul M.

Um menino com uma máscara de Modi, em Amadagur, região do distrito de Anantapur. As aldeias dessa região são algumas das mais afetadas durante as secas, que são muito comuns em Anantapur. Essas aldeias também têm taxas muito altas de migração. Os agricultores daqui costumam viajar para cidades como Cochin e Bangalore para acompanhar a agricultura.



Brinda Karat em Sandeshkhali, Bengala Ocidental, 2015.
Partido Comunista da Índia (Marxista)

Parte I: O problema

🔁 *Na Índia, o governo de extrema-direita – liderado pelo primeiro-ministro Narendra Modi – entrou em seu quinto ano. Como você avalia os últimos quatro anos desse governo?*

Acredito que a Índia está em perigo menos por “forças estrangeiras” que por seu próprio governo e pelo partido no poder, o Bharatiya Janata (BJ). Nos últimos quatro anos e meio, o governo de Narendra Modi lançou um ataque total aos princípios fundamentais da Constituição indiana (1950). Os princípios do secularismo e da democracia, integrantes da nossa Carta, moldaram a política e a sociedade da Índia. Eles foram atacados de várias maneiras pelo governo.

Como comunista, acredito que, em muitas áreas, a Constituição fica bastante aquém das demandas do povo. Por exemplo, o direito ao trabalho deve ser um direito fundamental e muitos dos princípios diretivos devem se tornar direitos fundamentais [os Princípios Diretivos da Política de Estado, tais como homens e mulheres têm direito à subsistência adequada e a receber salários iguais para trabalhos iguais, são sugestões e não obrigações]. O direito à propriedade foi removido através de uma emenda como um direito fundamental, mas foi retido como um direito estatutário através da introdução da cláusula 300 A na Constituição. Agora, os Tribunais Superiores têm o

direito de intervir em questões que dizem respeito aos direitos de propriedade. Veja as consequências. Agora temos decisões judiciais, a exemplo de Bihar, que aceitam os deuses como entidades legais que têm direito à terra. Esses julgamentos protegem templos que possuem enormes extensões de terra fértil por meio de trustes controladas pelos fazendeiros ricos. Isso em um estado que tem uma alta porcentagem de pobres sem-terra. Então, mudanças na Constituição para proteger os direitos dos pobres precisam ser feitas.

Mas hoje estamos diante de uma situação em que precisamos defender a Constituição dos ataques das forças de direita. Temos que defender o núcleo da Constituição para que não seja modificado de forma a se adequar à ideologia do BJ e sua família de organizações de direita (o *Sangh Parivar*).

A primeira questão é a do secularismo. O primeiro-ministro era um *pracharak* do RSS [um trabalhador de tempo integral do RSS]. O RSS, ou Rashtriya Swayamsevak Sangh, é uma organização de extrema-direita, que se inspirou no líder nazista Adolph Hitler e que evoca as forças das trevas. A verdadeira lealdade do primeiro-ministro é à ideologia do RSS, não à Constituição, a qual ele prestou juramento. Ele defende o juramento que fez como *pracharak* do RSS para atender aos interesses dos “hindus” em oposição a todos os indianos. Como um homem do RSS, Narendra Modi acredita na ideia de transformar a Índia em um *Rashtra Hindu* [um Estado Hindu] – um Estado teocrático, onde a cidadania é decidida não com base no reconhecimento da igualdade de todos os cidadãos,

como atualmente, mas baseada no hinduísmo. Em um país de 1,3 bilhão, onde há 175 milhões de muçulmanos, bem como milhões de sikhs, cristãos, budistas, zoroastrianos, jainistas e ateus, onde a própria ideia de Índia é uma síntese de culturas e crenças pluralistas, uma política de supremacia religiosa é escandalosa e perigosa. Os princípios da laicidade devem ser defendidos contra o RSS, cujos membros pediram abertamente a remoção da palavra “secularismo” da Constituição. Nesse contexto, uma característica perturbadora é também o crescimento de forças fundamentalistas muçulmanas que estão tentando canalizar a crescente frustração da juventude para ideias sectárias. Um fundamentalismo alimenta e fortalece o outro. Nesse caso, o comunitarismo também está ajudando o crescimento de organizações islâmicas [O comunitarismo é uma ideologia que busca enfatizar e demarcar as identidades étnicas e religiosas para incentivar o divisionismo e a violência entre eles].

A segunda questão é a da democracia. Vejo a defesa do secularismo como essencialmente uma defesa da democracia e dos direitos democráticos, uma vez que se baseia no direito à igualdade entre castas, sexos, credos e classes. O governo Modi também multiplicou seu ataque ao secularismo, diluindo e destruindo os direitos democráticos do povo, subvertendo a autonomia das instituições constitucionalmente estabelecidas, ao ponto que quatro juizes seniores da Suprema Corte tiveram que advertir o país, por meio de uma conferência de imprensa sem precedentes, afirmando que a independência do judiciário e dos tribunais estava em perigo. Aqueles que desafiam o BJ e

sua ideologia tóxica são rotulados de “antinacionalistas”. Dos estudantes da Universidade de Jawaharlal Nehru, de Nova Déli, aos *dalits* [castas oprimidas] passando por ativistas que lutam pelos direitos dos *adivasis* [povos indígenas] de exercerem seus direitos sobre a terra florestal; para todos esses existem prisões sob a lei draconiana contra a perturbação da ordem. Além disso, os líderes da oposição são seletivamente perseguidos em nome do combate à corrupção. Esses são desenvolvimentos perigosos que diluem as liberdades civis e os direitos democráticos.

Ideias hierárquicas da sociedade – baseadas no *Manu Smriti*, o texto da supremacia bramânica – têm colocado pressão sobre minorias, mulheres, *dalits* e *adivasis*. Linchamentos em nome da proteção da vaca é um crime assustadoramente comum. Grupos de *Gauraksha* (proteção à vaca) proliferaram, atacando muçulmanos e *dalits*.

Ligado a esses ataques a grupos vulneráveis está um ataque direto ao pensamento científico e crítico. Quando as pessoas são golpeadas pelas tempestades criadas em suas vidas devido à crueldade das políticas neoliberais, o sentimento de impotência em relação a forças sobre as quais elas acreditam não terem controle aumenta. Superstições e crenças em rituais tendem a crescer. Aqui temos um governo que não apenas favorece as superstições, mas, na verdade, as encoraja. Quando os fazendeiros atingidos pela seca foram a um ministro em busca de ajuda, ele pediu que organizassem um sacrifício para apaziguar os deuses da chuva. Outro, pediu-lhes para organizar um casamento de sapos já que isso deixaria os deuses

da chuva felizes! O governo do BJ também tentou minar a ciência pela promoção da mitologia e superstição. Em nome do orgulho nacional, os ministros do governo fazem declarações extravagantes sobre a existência de tecnologia avançada na Índia antiga. Dizem que a Internet e os satélites eram usados antigamente e dizem que as vacas inalam e exalam apenas oxigênio. O próprio primeiro-ministro afirmou que os indianos antigos realizavam transplantes de cabeça! Na verdade, tal bobagem ridiculariza as reais realizações do passado de nosso país, no campo da Matemática, Medicina e assim por diante. Tudo isso cria uma atmosfera na qual o mais selvagem dos boatos e a histeria em massa se desenvolvem, às vezes refletidos em terríveis assassinatos de pessoas acusadas de terem um olho do mal, de serem bruxas.

Terceiro, e extremamente importante, é a busca agressiva por parte desse governo por políticas neoliberais. O BJ continuou as políticas neoliberais de seus predecessores – notavelmente o governo liderado pelo primeiro-ministro Manmohan Singh (2004-2014), do Partido do Congresso. A principal diferença não está em suas políticas, mas como o BJ tem uma maioria parlamentar absoluta, hoje, pode empurrar essas medidas de forma agressiva. Em 2004, quando o Partido do Congresso chegou ao poder, não tinha maioria absoluta. Ele se baseou em outras forças, incluindo apoio externo ao parlamento, vindo da esquerda. Nós, o bloco comunista, tivemos que travar uma batalha constante contra os esforços do Partido do Congresso de realizar todo tipo de privatizações e políticas de liberalização, o que conseguimos, até certo ponto, bloqueando as leis que



Após os efeitos da desvalorização: (esq. para dir.) o filho de Balayya, Prashant; o pai de Prashant, Balayya; o pai de Balayya, Gaalayya; Sireesha; a esposa de Gaalayya, Vajravva, a esposa de Balayya, Balalakshmi e Akhila. Quando o governo proibiu 86% da moeda da Índia, enterrando suas esperanças de vender terras para saldar suas dívidas, Varda Balayya, da aldeia de Dharmaram, em Telangana, se matou e tentou envenenar sua família.

Rahul M.

visavam despojar a classe trabalhadora de seus direitos duramente conquistados. A esquerda foi capaz de pressionar por uma legislação pró-povo – como a Lei de Garantia de Emprego Rural, Lei de Direitos Florestais, algumas emendas importantes para melhorar as leis de proteção para as mulheres, a Lei do Direito à Informação. O governo do BJ, que assumiu o poder em 2014, não teve essa pressão. Portanto, opera como o governo do setor corporativo e para o setor corporativo.

Por causa das políticas do governo, o sofrimento no campo é agudo. Uma média de 12 mil agricultores comete suicídio todos os anos deste governo. O desemprego é o mais alto. Em um país onde mais de 60% da população tem menos de 40 anos, educação e emprego são questões críticas; longe dos 20 milhões de postos de trabalho que Modi prometeu criar todos os anos, o que temos não é apenas crescimento sem criação de empregos, mas crescimento com perda de postos de trabalho. O desastre da desvalorização, por exemplo, levou a uma perda de 3,5 milhões de meios de subsistência no setor não organizado. A Índia se destaca por suas crescentes desigualdades neste período do governo de Modi. Apenas 1% da população detém 68% de toda a riqueza, um aumento de quase vinte pontos nos últimos cinco anos. Por outro lado, de acordo com a pesquisa socioeconômica do governo, mais de 90% das pessoas da Índia têm uma renda de menos de 10 mil rúpias [144 dólares] por ano.

O governo do BJ gosta da frase “facilidade para fazer negócios”. O que isso significa é que o governo tentou dismantelar todo o sistema regulador que controla o poder corporativo. As

empresas registraram lucros elevados no período do regime de Modi. Tomemos o exemplo de um desses grupos corporativos, o de Gautam Adani. O Grupo Adani – um conglomerado muito próximo do governo Modi – registrou lucros de 124% no primeiro ano do governo. A empresa obteve lucros de 25 milhões de dólares por dia, triplicando-os. A maior parte disso veio da generosidade do governo em entregar vários projetos aos Adanis. Bancos do setor público tiveram seus braços torcidos até que entregaram dinheiro público ao Grupo Adani. Os ativos inadimplentes – uma expressão educada que representa o fracasso do governo em recuperar os empréstimos que os bancos concederam às empresas – situam-se em mais de 9 *lakh crores* de rúpias (2,9 bilhões de dólares) hoje. O BJ é o principal partido do poder corporativo. Isso não significa que o Partido do Congresso tenha mudado seu caráter de classe. Significa apenas que, desde 2014, as corporações mudaram seu apoio para o BJ, e este se tornou o principal partido das classes dominantes da Índia.

Quarto, sua política externa tem sido decididamente pró-imperialista e especificamente pró-EUA. Como sócio minoritário dos EUA, o governo virou as costas para a solidariedade com os países do terceiro mundo, como o apoio à luta dos palestinos, por exemplo.

É por todas essas razões e outras mais que o governo do BJ é um desastre para a Índia.



Um agricultor de Telangana, que é um ativista do TRS, com um bovino. TRS é um partido que ganhou a eleição em Telangana, um estado da Índia conhecido por suas políticas mais voltadas para o bem-estar.

Rahul M.

 *A Suprema Corte da Índia fez algumas declarações afiadas contra a “turbocracia”, o governo das turbas. Disseram ao governo que contenha suas multidões. Isso é, em si, uma acusação contra o governo. Apesar disso, o BJ diz que não vai se mover contra os linchamentos – o assassinato de pessoas no comércio de gado, por exemplo. Quase sugere que há um “bom linchamento” – um linchamento para criar uma sociedade que favoreça o BJ e o RSS. Um líder do RSS disse que “os linchamentos vão parar se as pessoas pararem de comer carne”. O que você acha da epidemia de linchamentos e do desrespeito do RSS-BJ à Suprema Corte?*

Em 2015, uma turba em Dadri (estado de Uttar Pradexe) alegou que Mohammed Akhlaq havia abatido uma vaca, e então, o mataram. Esse crime foi justificado pelo RSS-BJ. Foi um sinal do que estava por vir. A frequência dos linchamentos tornou o crime quase normal. Você pode ser linchado pelo que come, pelo que é, pelo que diz e por quem quer se casar. O RSS-BJ parece sugerir que alguns linchamentos são bons, que aqueles que participam desse tipo de linchamento não são criminosos, mas heróis. Os ministros do BJ vão a eventos e parabenizam criminosos que lincharam nossos concidadãos. Essa é uma situação chocante, repreensível e muito perigosa.

O que eles dizem ser um bom linchamento? Se uma multidão mata um homem muçulmano que se atreve a casar com uma garota hindu – o que o BJ de forma sensacionalista chama de

jiḥad amorosa – isso é visto como um bom linchamento. Se uma multidão ataca os muçulmanos por fazerem orações em um espaço público, isso é visto como um bom linchamento. Se uma turba ataca casais jovens por celebrar o Dia dos Namorados, isso é visto como um bom linchamento. Em cada caso, a turba é defendida pelo RSS-BJ.

É igualmente perturbador que a polícia, em muitos casos, e por vezes também o judiciário, tenham sido protetores em relação a esses homens. Falsas acusações são feitas contra as famílias daqueles que são mortos pela turba, e os tribunais levam essas acusações a sério. A família de Mohammad Akhlaq foi ameaçada de prisão por abate de vacas – o que nunca fizeram. É um caso totalmente falso. Enquanto isso, os assassinos de Mohammed Akhlaq andam pelas ruas. Junaid Khan – morto em um trem local em 2017 – dificilmente obterá justiça. O primeiro relatório informativo da polícia sugere que os assassinos de Junaid Khan cometeram o crime em legítima defesa. Quando você aceita que há “bom linchamento”, não há fim para esse pesadelo.

Apesar da advertência do Supremo Tribunal ao governo, os ministros de alto escalão deram oficialmente a sanção aos grupos *Gauraksha* [protetores de vacas] em nome da proteção desses animais – quando, na verdade, eles não são nada além de assassinos. O governo diz que não tem dinheiro para questões que dizem respeito aos direitos das mulheres, mas tem dinheiro para proteger as vacas. Existe até um ministério para a proteção da vaca. O governo de Modi diz que não tem terra excedente

para dar aos pobres sem-terra, mas destina uma quantidade generosa de terra para abrigos de vacas. A proteção das vacas tem prioridade sobre o bem-estar dos seres humanos. Melhor nascer vaca na Índia hoje.

Ações imediatas precisam ser tomadas contra os assassinos. É preciso haver uma lei contra o linchamento das turbas. Mas o governo de Modi não tem desejo de aprovar tal lei.



Perto da região de Saibabad, um bairro de trabalhadores da Região da Capital Nacional. “Não, não é um escritório, são nossas casas”, ela me disse quando questionada.
Rahul M.

 *Um estudo recente da Thomson Reuters classificou a Índia como o lugar mais perigoso para as mulheres no mundo. O que torna a Índia uma sociedade tão cruel em termos de liberdade para as mulheres?*

Não conheço a metodologia que eles usaram e qual é a situação comparativamente em outros países, mas certamente houve um aumento significativo não apenas da incidência da violência contra as mulheres, mas também na brutalidade da violência na Índia. Há casos de violência contra as mulheres, nas quais são torturadas, queimadas, espancadas, estupradas e até mortas. Os detalhes são horríveis. Quais as razões? Há muitas, mas pelo menos uma delas é que, nas últimas décadas, as mulheres entraram em espaços públicos para trabalhar e viver. Eles desenvolveram seus talentos, suas habilidades e suas capacidades em numerosas esferas. Houve uma reação contra o crescimento dessa afirmação das mulheres. A reação é moldada por extrema misoginia – ou um sentimento forte em setores da nossa sociedade de que as mulheres têm um lugar específico e qualquer uma que cruze a fronteira está sujeita a ser punida. Esses muros culturais por trás dos quais se espera que as mulheres e meninas vivam (com algumas exceções, para certas classes) são mais fortes do que os altos muros de uma prisão. Quando uma mulher é estuprada, ela é culpada por entrar no espaço público, por ser uma cidadã livre, pela roupa que veste, pela pessoa com quem fala, pelo lugar e hora em que estava. A mulher é responsabilizada pelo crime. Esse é o caráter da misoginia.

A reação à entrada das mulheres no espaço público não é espontânea. Não é uma reação natural. É moldada por forças conservadoras, incluindo a ortodoxia religiosa e as instituições bramânicas. A reação é refratada através de hierarquias de religião e de casta. Estamos vendo, a cada dia, um aumento nos crimes contra as mulheres *dalits*, que trabalham em situações vulneráveis, particularmente nas regiões rurais. Sua vulnerabilidade ao assédio sexual é maior por causa das condições materiais de suas vidas.

A ideia de “crimes de honra” tornou-se quase normal na Índia. À medida que mais garotas frequentam escolas e faculdades, e à medida que mais jovens têm a oportunidade de se conhecerem, a probabilidade de romances entre castas e religiões diferentes aumenta. Se uma mulher tenta afirmar sua escolha de parceiros contra os desejos de sua família (particularmente se ela quer se casar fora dos limites da casta e da religião), então há uma probabilidade de que ela possa ser morta. Esse assassinato é conhecido de forma repugnante como um “assassinato de honra”. Nas áreas rurais, o *Khap Panchayat* [Assembleia do Clã] surgiu como o guardião das tradições feudais. Muitos deles autorizaram o assassinato de jovens que fazem suas próprias escolhas de vida.

Em Kathua (Jammu e Caxemira), uma menina de 8 anos foi estuprada e assassinada em janeiro de 2018. Ela foi atacada por ser muçulmana, era uma criança da comunidade Bakarwal. O assassinato ocorreu para enviar uma mensagem à comunidade de que eles não deveriam se estabelecer naquela região. Foi um

assassinato brutal. Os líderes do BJ na área não pediram justiça. Em vez disso, eles se manifestaram em nome do acusado. Essa é a atitude deles em relação a esses assassinatos.

O RSS-BJ nega a existência de tais crimes de honra. Durante o governo do líder do BJ, Atal Bihari Vajpayee [1998-2004], as Nações Unidas divulgaram um relatório sobre tais “crimes de honra”. O representante indiano na ONU disse que nenhum incidente desse tipo ocorre na Índia. É por isso que o governo indiano não coleta dados sobre esses crimes, nem os leva a sério. *Khap Panchayats* recebem licença para atuar porque são usados para mobilizar votos em áreas rurais. O RSS-BJ quer criar escolas separadas para meninas e meninos, negar a entrada de mulheres no espaço público e capacitar os pais para controlar os movimentos de seus filhos. Essa é a “solução” deles para o problema.

Como resultado da atitude insensível do governo, a Índia tem uma das taxas mais baixas de condenação por crimes contra as mulheres. Em qualquer ano, pelo menos 70% dos casos estão na categoria “pendente” – ou seja, ainda não passaram pelos tribunais – e dos casos que sim passaram, de 75% a 80% dos acusados estão livres. Algumas pessoas querem trazer a pena de morte para a Índia como uma maneira de combater esses tipos de assassinatos. Eu sou contra a pena de morte em princípio. Além de outras razões, certamente não resolverá o problema nem diminuirá a taxa de crimes contra as mulheres. Pelo contrário, como as organizações de mulheres na Índia argumentaram, isso poderia levar a mais assassinatos das vítimas de estupro,

de modo a garantir que ela não desse testemunho. A luta tem que ser pela certeza da punição. Certamente, precisamos de punição rigorosa para crimes sexuais bárbaros, que devem incluir prisão perpétua.



Estudantes protestam do lado de fora do escritório da ONG hindu-revivalista Rashtriya Swayamsevak Sangh, em Déli, após o suicídio do estudioso dalit Rohith Vemula, em 17 de janeiro de 2016.
Rahul M.

Parte 2: A Solução

 *Há uma crescente resistência ao governo à medida que o país avança para a eleição geral em 2019. Como você avalia essa resistência?*

Há definitivamente uma crescente mobilização de diferentes setores do povo contra as políticas do governo. Outra questão é que a grande mídia frequentemente ignora ou subestima essas mobilizações. Mais recentemente, houve uma série de marchas de camponeses e agricultores, bem como greves de trabalhadores – de funcionários de creches a profissionais de saúde, passando por trabalhadores industriais, bancários e funcionários de seguradoras. As centrais sindicais estão se preparando para uma greve de dois dias em todo o país no início de janeiro.

Essas mobilizações ocorreram nos níveis local, estadual e nacional. A maior foi em 5 de setembro, quando centenas de milhares de trabalhadores e camponeses, junto com mulheres e jovens, marcharam pelas ruas da capital. Foi extremamente inspirador. De fato, são precisamente as mobilizações dessas pessoas e a crescente união entre uma série de organizações que militam entre os *kisans* [agricultores] e trabalhadores que forçaram os partidos políticos a reconhecerem o descontentamento em todo o país e todos começaram a falar sobre as questões levantadas. Por causa dessas mobilizações. As

organizações de massas e de classe orientadas para a esquerda desempenharam um papel crucial em reunir esses setores e fornecer uma plataforma de unidade. A esquerda está muito na vanguarda das políticas que desafiam o governo. No contexto das próximas eleições, essas organizações também estão pedindo a seus membros que garantam a derrota do governo e suas políticas.

Vamos ver os impactos em breve.

Quais são as tarefas e desafios diante da esquerda Indiana hoje?

Acreditamos na revolução, acreditamos no socialismo. Esses são nossos objetivos. Nosso dia a dia pode ser difícil e às vezes frustrante. Mas nosso trabalho é iluminado pelo nosso objetivo – revolução e socialismo. O desafio é abordar questões e problemas atuais, sempre mantendo esse objetivo em mente. Se adotarmos táticas para lidar com os problemas atuais de uma maneira que enfraqueça nosso objetivo estratégico, será autodestrutivo e oportunista. Os comunistas são frequentemente aconselhados pelos liberais a “reinventar-se”: abandonar a análise de classe, abandonar os princípios de organização, ser menos dogmáticos e assim por diante. Em outras palavras, eles estão nos aconselhando a ser mais parecidos com eles! Sem dúvida, devemos estar conscientes das enormes mudanças que foram produzidas pelo desenvolvimento do capitalismo na Índia, não apenas em termos da intensificação

da exploração e das desigualdades de que falei, mas também no aumento da urbanização, na expansão das classes médias, nas expectativas da juventude. As culturas promovidas pelo capitalismo e pelo mercado promovem e glorificam o individualismo e promovem soluções individualistas. Tudo isso contribui para a despolitização de toda uma geração de jovens. Esse é certamente um desafio: como encontrar as formas mais eficazes de levar nossa mensagem aos jovens. Depois, na Índia, a exploração de classes é intensificada através do sistema de castas e vice-versa. O desafio das castas e a construção de lutas de resistência contra esse sistema e sua opressão, e vincular essa batalha à luta contra o capitalismo em termos de disputas e objetivos, também é um desafio. Os sindicatos e outras organizações de classe certamente precisam ser mais assertivos e atentos a esses aspectos. Isso tem sido uma fraqueza em nossas abordagens. A esquerda organizada é limitada em seu alcance. A esquerda tem uma influência além da nossa força organizacional. Nós somos incapazes de traduzir a influência e aceitação que temos entre as pessoas em uma base política de massas, exceto em certas áreas tradicionalmente fortes como Bengala, Kerala e Tripura.

Outro desafio é a arena parlamentar. Aqui, por causa do enorme poder do dinheiro corporativo, a esquerda está vendo que é cada vez mais difícil traduzir o apoio em votos. Quando dez milhões de rúpias são gastos em eleições locais para assentos municipais, você pode imaginar o custo de lutar por um assento no parlamento. Nós não recebemos dinheiro de empresas. Nos opomos ao sistema fraudulento de títulos

eleitorais, no qual a identidade do doador é mantida em segredo. O BJ tem enormes quantias de dinheiro através desses títulos; a identidade de todos os compadres capitalistas que pagaram por favores é ocultada. As reformas eleitorais são importantes em nossa agenda de lutas. Mas, enquanto isso, temos que lutar contra as eleições em uma situação altamente desfavorável.



“Construímos banheiros e casas adequadas porque o governo nos prometeu reembolsar. Mas eles não nos pagaram, há meses já. Então, vamos apresentar petições aos funcionários do programa Janmabhoomi hoje”. (Foto tirada na região do distrito de Amadagur durante janeiro de 2018).

Rahul M.

Na situação atual, nossa tarefa principal é construir as lutas do povo contra as políticas neoliberais e contra o perigo comum representado pelo governo e contra o *Sangh Parivar*. Estamos tentando construir uma alternativa democrática e de esquerda com base em uma estrutura política e visão alternativas. As divisões com base na religião promovidas pelas ideologias do RSS não podem ser julgadas apenas através de resultados eleitorais. Se há uma mudança comum no pensamento diário, nas práticas culturais é muito mais perigoso. Aqui, a esquerda, com sua luta intransigente contra o comunitarismo e em prol da construção da unidade das pessoas ligadas a questões cotidianas comuns, tem a credibilidade para combater o RSS em todos os níveis. É necessário afirmar a identidade de esquerda e a política de esquerda, mesmo enquanto se constroem amplas plataformas para incluir forças seculares contra a agenda do RSS do *manuvadi Hindutva* [a ideologia do RSS e do BJ].

Temos um longo caminho a percorrer. Os desafios são enormes. Estamos diante de um poder estatal altamente centralizado com todos os recursos sob seu controle. As tecnologias de mídia e comunicação controladas pelas classes dominantes se tornaram um instrumento todo poderoso para defender o status quo e fabricar mentiras sobre a esquerda. Lutas pela transformação social radical nestes dias de alta tecnologia e enorme poder financeiro dos partidos das classes dominantes é obviamente algo completamente diferente do que antes.

Nossa maior força, que devemos continuar a construir, é o trabalho diário de milhares de ativistas dedicados. Estamos

envolvidos no dia-a-dia da luta pela sobrevivência e pela vida das pessoas. Somente através disso podemos alcançar o povo com nossa agenda alternativa e somente através dessas lutas podemos construir a confiança das pessoas para lutar por essa alternativa.

Mas não podemos ignorar os novos desenvolvimentos da tecnologia. Precisamos construir nossas mídias alternativas, incluindo as mídias sociais como ferramenta de comunicação. Sabemos que para os jovens esta forma de comunicação se tornou essencial. Achemos que a esquerda não deve ficar para trás no uso desses métodos de comunicação. Temos que ser criativos na forma como usamos nossas tradições no atual cenário tecnológico. Não podemos ceder ao formato de mídia social, ao curto período de atenção que ela impõe. Mas temos que sim usá-lo para construir um senso muito mais profundo do sistema e construir um desafio robusto para ele.

 *Na atmosfera atual de autoritarismo, liberais e até simpatizantes da esquerda exigem uma ampla coalizão de todas as forças políticas contra o BJ e seus aliados. Qual é a sua opinião sobre isso?*

Nossa linha política determina nossas táticas eleitorais. Nós afirmamos claramente que nosso principal objetivo político é derrotar o BJ politicamente, ideologicamente e em todas as questões políticas. Então, certamente, nas eleições, usaremos toda a nossa força para atingir esse objetivo, expulsar o

governo de Modi do poder. Esse é o primeiro ponto da nossa abordagem. Como conseguir isso? Decidimos que nossos esforços serão para minimizar a divisão de votos contra o BJ, o que significa que estaremos lutando por assentos onde temos uma base forte e, em todos os outros lugares, apoiaremos o candidato do partido da oposição que esteja melhor colocado para derrotar o BJ em cada distrito eleitoral. Isso será diferente de estado para estado. De fato, é interessante que a maioria dos partidos tenha chegado à mesma conclusão que declaramos em nossa resolução tirada em nosso congresso, ou seja, que dada a situação muito diversificada em diferentes estados da Índia, com os partidos regionais desempenhando um papel crítico em muitos deles, uma aliança nacional não é viável e terá que ser apenas pós eleições, como foi anteriormente. Atualmente, pode haver alianças estaduais. O PCI (M) diferencia alianças eleitorais com partidos regionais e com um partido nacional, como o Partido do Congresso. Podemos ter alianças com partidos regionais como tivemos no passado, por exemplo, em Tamil Nadu, Bihar e Maharashtra. Se existe tal possibilidade, tal aliança será discutida por nossa organização no estado. Em Bengala Ocidental, onde há uma situação muito específica com o partido regional, o Congresso Trinamool (TMC) competindo com o BJ em seus métodos antiesquerda e totalmente autoritários, fascistas, nosso esforço será derrotar tanto o BJ quanto o TMC.

O segundo objetivo mais importante é aumentar a força do PCI (M) e da esquerda no parlamento. Não preciso entrar em detalhes aqui, pois é evidente que somente quando a esquerda

tem uma forte presença no parlamento é que a defesa dos direitos do povo contra políticas neoliberais, pela democracia e contra as tóxicas políticas comunitaristas do BJ-RSS podem ser realizadas. Portanto, temos que aumentar nossa força.

O congresso do nosso partido declarou de forma muito clara que ambos os objetivos devem ser alcançados sem uma aliança política com o Partido do Congresso. Nós não igualamos o BJ e o Congresso, embora representem as mesmas classes dominantes. Eu dei as razões em respostas anteriores a respeito de por que o BJ é o maior perigo para a Índia. Nosso foco é, portanto, derrotá-lo. Mas temos que manter nossa política alternativa em mente quando decidimos alianças eleitorais.

Em terceiro lugar, declaramos ao povo inequivocamente que estamos comprometidos com a formação de um governo secular. A forma desse governo pode ser decidida somente após o veredito do povo.

Nossa campanha eleitoral será consistente com nossa linha política, para lutar contra o regime comunitarista, autoritário e divisionista do BJ e sua estrutura política neoliberal, com base em nossas políticas alternativas. Não acreditamos que uma agenda neoliberal possa derrotar a agenda divisionista – pois elas se alimentam mutuamente.



Trabalhadores migrantes voltam para casa, de Cochin, de trem.
Rahul M.

 *Em Bengala Ocidental e Tripura, o PCI (M), como parte da Frente de Esquerda, governou o estado por décadas. Em ambos, o PCI (M) e a Frente de Esquerda estão agora fora do poder. Que passos o PCI (M) tomou para recuperar o espaço político em ambos estados?*

Depois que perdemos as eleições tanto em Bengala Ocidental como em Tripura, nossa organização enfrentou uma repressão severa, dura e contínua. Pode ser difícil para as pessoas fora desses estados compreenderem até mesmo o tipo de violência que nossos companheiros enfrentam. Centenas de nossos quadros e simpatizantes foram mortos em Bengala. Em Tripura, a violência também está sendo descontrolada. Em Bengala, a violência vem do TMC, o partido no poder naquele estado, e no Tripura do BJ e RSS. Milhares de membros da esquerda e apoiadores foram forçados a deixar suas casas, milhares de falsas imputações foram armadas contra eles – 20 mil em Bengala. Homens e mulheres da esquerda sofrem ameaças de que seus filhos serão mortos se continuarem a apoiar a bandeira vermelha. Tudo isso para minar a confiança dos membros do nosso partido e daqueles que votaram em nós. Nosso maior desafio imediato é proteger e defender o partido, as estruturas partidárias, os escritórios do partido, os quadros do partido e as casas e famílias de nossos quadros e simpatizantes. Sem nossos quadros comprometidos, será impossível restabelecer nossos laços com o povo e continuar as mobilizações populares para desenvolver as lutas. A proteção de nossos quadros e a continuação de nosso trabalho político estão ligados.

Podemos ter perdido as eleições, mas não paramos o nosso trabalho. Os partidos que derrotaram a esquerda e chegaram ao poder sabem dessa resiliência. Esses partidos, como o do Congresso Trinamul, em Bengala Ocidental, e o BJ, em Tripura, sabem que, apesar da perda eleitoral, a esquerda e o PCI (M) têm uma conexão profunda com o povo, o que torna essa derrota apenas temporária. É o entendimento deles desse fato que explica o pior tipo de repressão que sofremos em Bengala Ocidental e em Tripura. O esforço deles é nos aniquilar fisicamente. Eles usam a violência contra nós com o objetivo de destruir o grupo, quebrando fisicamente nossa ligação com o povo.

Em Bengala Ocidental e em Tripura, nosso grupo de base está fazendo enormes sacrifícios. Sua resiliência é inspiradora. Nenhum movimento político ocorre sem contratempos. A questão para nós não é o ataque ao nosso partido, mas a capacidade de resistência dos nossos quadros na luta em defesa do partido e na manutenção de laços com o povo. Agora descobrimos que essa resiliência e bravura levaram a novas mobilizações e novo apoio das pessoas. Essa é uma mudança que veio depois de um tremendo sacrifício em Bengala Ocidental. Avançamos, mas sabemos que o caminho a seguir é pavimentado pelo nosso trabalho árduo e nossa determinação.

 *O governo da Frente Democrática de Esquerda (FDE) em Kerala, com o PCI (M) como parte do governo, é o único de esquerda na Índia hoje. Qual é a agenda alternativa desse governo e como você avalia os dois anos em que esteve no poder?*

O governo da FDE é um dos poucos na Índia que realmente trabalhou para cumprir suas promessas eleitorais e implementá-las desde seu primeiro dia de trabalho. Por exemplo, a FDE prometeu duplicar as pensões, o que fez no primeiro mês. O governo aumentou o salário mínimo, como prometido, tornando-o um dos mais altos do país. Nenhum programa de esquerda deve ser cego para a necessidade de um modelo de desenvolvimento ambientalmente sustentável. A missão Kerala Verde está formulando uma alternativa ambiental, em grande escala, ao projeto neoliberal que nega os desafios ambientais que enfrentamos.

As principais partes da agenda da esquerda devem ser a educação e a saúde. O governo alocou uma quantia substancial de seu orçamento para melhorar as escolas públicas. Enquanto no resto do país vemos um êxodo nessas escolas em direção às instituições particulares – com pais inundados por dívidas para dar aos filhos uma boa educação – em Kerala vemos pais fazendo fila para colocar seus filhos nas públicas. Eles sabem que recebem uma educação de alta qualidade, com um currículo progressista, que leva a ciência a sério. Mais verbas são necessárias para melhorar as salas de aula. Não acreditamos

que apenas as escolas privadas devam ter computadores e outras tecnologias avançadas de aprendizado. A missão de educação de Kerala está tentando configurar a infraestrutura educacional que apoia o currículo. Nosso governo também forneceu absorventes higiênicos gratuitos, para que as meninas não encontrem sua educação interrompida por seus períodos menstruais.

Quando se trata de cuidados de saúde, o governo do FDE está buscando um sistema universal baseado em direitos universais. Se todas as pessoas recebem assistência médica através de um sistema universal, então você não pode delegar a atenção à saúde para o setor privado, onde a maximização do lucro, e não a saúde, é a meta. Se alguém tem dinheiro para pagar por cuidados de saúde privados, e se preferir ir a um hospital privado, essa é uma escolha individual. Mas assim deve permanecer. Os governos não podem forçar as pessoas a irem para o setor privado, deliberadamente, por meio da falta de pessoal e investimentos nas instituições de saúde pública. A promoção da saúde privada à custa da saúde pública não é uma escolha. Em Kerala, pretendemos proporcionar às pessoas uma escolha real, que será através da prestação de um sistema de saúde pública de qualidade. As pessoas podem escolher onde querem ir. Essa é a visão da esquerda.

Kerala está liderando a luta contra o divisionismo comunitarista e pelo secularismo. Está à frente na prestação de direitos e serviços para as minorias, inclusive para a comunidade de pessoas transgênero. A FDE luta pelo federalismo, pelo direito

de os estados determinarem sua agenda e não que esta seja ditada pelo governo central. Não estamos implorando a Nova Déli por esse ou aquele benefício. Estamos dizendo que é nosso direito constitucional obter serviços e investimentos. Em 2018, Kerala sofreu uma inundação terrível. A ajuda do governo central foi escassa. A população de Kerala – e o povo da Índia – se uniram para ajudar no resgate, alívio e reconstrução. O governo central prestou apenas uma mísera assistência, e isso só depois que foi desafiado a fazê-lo. O governo de Kerala e as organizações de massa e de classes da esquerda estabeleceram um recorde no serviço exemplar ao povo. Especificamente, o ministro-chefe Pinarayi Vijayan deve ser parabenizado por ancorar todo o esforço com calma e determinação, inspirando confiança entre as pessoas.

A FDE em Kerala tinha um plano orçamentário de cinco anos que foi elaborado para fornecer gastos de infraestrutura, gastos com saúde, educação e para a missão Kerala Verde. Então, veio o dilúvio. Foi uma das inundações mais destrutivas que vimos. Treze dos quatorze distritos de Kerala foram inundados. Cada mobília, cada peça de roupa, cada recipiente de cozinha, cada pertence se foi na enchente. A atenção se concentrou na reconstrução. É a palavra que define o resto da permanência da FDE. Todo o plano de cinco anos teve de ser revisto no terceiro ano de governo. O desenvolvimento é essencial para Kerala, mas a reconstrução é imperativa. É um enorme desafio, que o governo irá cumprir.

Mas, mesmo antes de as águas da enchente abaixarem, o BJ e

o RSS mantiveram suas artimanhas, acusando o governo de favorecer uma comunidade contra a outra e assim por diante. Tudo isso foi respondido pelas próprias pessoas. Estamos confiantes de que o RSS e o BJ não terão sucesso em suas tentativas nefastas de usar seu poder em Déli para desestabilizar o governo do PCI (M) em Kerala.



Um menino vende flores perto da estação de metrô Kaushambhi, parte da Região da Capital Nacional da Índia.
Rahul M.



Tricontinental: Institute for Social Research
*is an international, movement-driven institution
focused on stimulating intellectual debate that serves
people's aspirations.*

www.thetricontinental.org

Instituto Tricontinental de Investigación Social
*es una institución promovida por los movimientos,
dedicada a estimular el debate intelectual al servicio
de las aspiraciones del pueblo.*

www.eltricontinental.org

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
*é uma instituição internacional, organizado por
movimentos, com foco em estimular o debate
intelectual para o serviço das aspirações do povo.*

www.otricontinental.org